

Quinhentos anos de quê?: As comemorações do "achamento" na imprensa portuguesa

Por Joám Evans Pim (Seminário de Estudos Atlânticos, Galiza)
e Bárbara C. Kristensen (Universidade do Vale do Itajaí, Brasil)

RESUMO / ABSTRACT

O tipo de colonização que a potência quinhentista portuguesa aplicou no Brasil, a colonização de exploração, certamente influenciou a construção da brasilidade em relação a Portugal e da portugalidade em relação ao Brasil. O aniversário dos 500 anos do Descobrimento, muito celebrado tanto na finisterra europeia como na terra brasilis, consistiu-se, indubitavelmente, numa ocasião para reviver e rever conceitos, pré-conceitos e representações de uma relação edificada nesses cinco séculos.

Nesta comunicação, expõem-se alguns dos resultados obtidos através de uma pesquisa realizada nos exemplares dos meses de janeiro a junho de 2000, dos jornais portugueses Público, Diário de Notícias e Jornal de Notícias, no que diz respeito à imagem do Brasil nas comemorações do quingentésimo aniversário da ocasional "visita" de Cabral, buscando traçar a caracterização dos discursos noticiosos.

Percebe-se que na representação deste acontecimento, enquadrada essencialmente nas seções de cultura dos respectivos jornais, predomina um discurso politicamente correto, havendo uma marcada ausência de debates relacionados com o passado colonial e com a sua natureza, que foram as bases da formação de um melting pot cultural chamado Brasil.

The kind of colonisation that the fifth century Portuguese State applied in Brazil, exploitation colonisation, certainly had some influence in the construction of "brazilianhood" in relation with Portugal and "portuguesness" in relation with Brazil. The 500^o anniversary of the Discovery, much celebrated in the European finisterrae as in the terra brasilis, is undoubtedly a unique opportunity to recreate and revise concepts, preconceptions and representations of the relations build during these last five centuries.

In this paper, some of the conclusions reached through a research using the issues between January and June of 2000 of the Portuguese daily newspapers Público, Diário de Notícias and Jornal de Notícias, which in some way touched the subject of the commemoration of the 500^a anniversary of Cabral's occasional "visit" to Brazil, are analysed, searching for the characterisation of the news discourses.

It is possible to see that in the representations of this media-event, essentially located in the culture sections of the analysed newspapers, a politically correct discourse is predominant, with a clear absence of any debates linked to the colonial past and its nature, foundational bases of a cultural melting pot called Brazil.

1. Introdução

Para se compreender o mundo atual, como parece lógico, faz-se imprescindível a análise cuidadosa da História, essencialmente da história do "Mundo Moderno". Com o fim anunciado da Idade Média¹, a sociedade da época, que já vinha se transformando, mergulhou num processo vertiginoso de avanços tecnológicos e de

¹ Costuma-se datar o fim da Idade Média com a queda de Constantinopla e o advento do Império Otomano, ocorrido em 1453. No entanto, é importante se ter em mente que, como qualquer transformação social e ainda que esta seja uma data convencionalizada, a base dessas sociedades era essencialmente medieval, e ainda por muito tempo a influência desse período encontra-se marcadamente forte.

inovações nos mais variados sentidos. A arte Renascentista, nomeadamente a italiana, os novos cientistas, o desenvolvimento trazido por Guttemberg para a imprensa ou, resumindo, o despertar do Homem para si mesmo e para todas as suas potencialidades gerou uma sociedade em constante e infinita transformação e evolução, que foi capaz de chegar aos confins de um mundo que, até então, parecia ser limitado.

Ainda no *quattrocento* inicia a expansão europeia pelo "além-Mediterrâneo", rompendo o mito do "*nec plus ultra*" atlântico. O descobrimento, pelos portugueses, das ilhas de Madeira e do arquipélago dos Açores, ilhas virgens até então, e a busca constante por mais produtos exóticos e riquezas, além da sempre presente "luta contra o infiel", foram impulsionando as embarcações para territórios cada vez mais distantes e na sua grande maioria habitados por autóctones que não traziam cultivada a cultura europeia. Assim aconteceu com o Norte da África, com as costas ocidental e oriental africanas, com os contatos na Índia e, no auge da empreitada, com a América.

O contato entre culturas completamente opostas e a maneira com que esse contato foi mantido e realizado encontram-se refletidos na formação dessas sociedades pós-medievais, já que constituíram novas culturas e novas mentalidades, atualmente já com "vida própria" e bastante influenciadoras no panorama contemporâneo mundial.

Dentre a infinidade de culturas relativamente recentes, germinadas no *Novus Mundus* de Vespúcio, encontra-se, ainda relevante pelo gigantismo do território, a do Brasil, que, apesar de ser inegavelmente um *melting pot* constituído por imigrantes das mais variadas partes do mundo, carrega na sua raiz a herança portuguesa, ainda perceptível na língua oficial do país.

O processo conturbado de colonização do Brasil, seguindo os moldes de qualquer colonização de exploração, permeado por preconceitos, pela primazia de intenções comerciais, pela escravatura e, entre outros, característico pelo desgaste e a quase-aniquilação da cultura indígena, gerou, de certa forma, uma relação luso-brasileira deficiente. É impossível negar a presença, pelo menos nos brasileiros, de um ressentimento quanto ao passado colonial. Não são poucas e são muito bem difundidas e "apreciadas" as anedotas, por exemplo, cujo discurso visa a ferir a reputação

portuguesa. Como também não são raros os exemplos portugueses de certo pré-conceito em relação aos brasileiros².

A primeira manifestação lusa a respeito dos habitantes da então "Ilha de Vera Cruz" deu-se ainda em 1500 com a carta de Pero Vaz de Caminha, considerada a "certidão de nascimento" ou "diploma natalício" do Brasil, ao ser esta escrita no momento do achamento, ou quanto menos, da chegada oficial dos portugueses a terras de Vera Cruz. Embora se demonstrasse um pouco assustado em relação aos novos habitantes³, o escrivão oficial da esquadra de Cabral revelou uma terra repleta de magia e de cores, com gente "boa e de boa simplicidade"⁴. Poderia-se afirmar que tanto na *Carta* de Caminha como nos textos analisados nesta pesquisa, a descoberta do Outro civilizacional, em palavras de Ana Maria de Azevedo, é "um imenso território de obstáculos"⁵. Referindo-se ao texto quinhentista, esta autora apresenta-nos aos portugueses como "marcianos de si mesmos" cujas "descrições entusiásticas falam-nos de terras fertilíssimas, de árvores de porte majestoso, de clima de eterna primavera, de aves de cor deslumbrante e canto nunca ouvido"⁶. No fundo, pouco tem mudado.

Pouco demorou a transição entre achamento e colonização. Ao princípio e a mando do rei, esta ainda buscava contatos comerciais com os autóctones, o que não se concretizou exatamente, devido à rudimentaridade com que os ameríndios brasileiros conviviam com essas práticas. Posteriormente, inicia-se, por motivos comerciais, uma exploração mais violenta na que se notam alguns atritos com os

² Há referências portuguesas que afirmam que textos humorísticos semelhantes somente são escritos voltados para os alentejanos, e não para os brasileiros, o que, na realidade, não se pode confirmar nem negar. Há, sim, textos humorísticos que têm por alvo o brasileiro, mas estes se fundamentam essencialmente no atual imigrante brasileiro, cuja formação cultural deixa a desejar e torna-se motivo de estúrdias. Além disso, evadindo-se da perspectiva humorística, mas ainda buscando desvelar a imagem do brasileiro em Portugal, é possível encontrar em *sites* portugueses renomados, como o do Projecto Vercial (<http://www.ipn.pt/literatura>) crônicas que tratam de maneira preconceituosa os brasileiros: "(...) Não. Os portugueses não são racistas. Os portugueses não discriminam. Os brasileiros são os nossos irmãos. Só que os preferimos na TV. E no Brasil." (ALMEIDA, Onésimo Teotónio. A dupla vilalania. **Projecto Vercial**. Disponível em: <<http://www.ipn.pt/litearatura/onesimo1.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2003.).

³ Caminha demonstra certo espanto e receio em relação aos novos habitantes não somente devido a sua nudez (ainda porque, embora cite que as "vergonhas" estão à mostra, Caminha suaviza essa possível "perversão indígena" analisando a inocência com que homens e mulheres andam despidos), mas principalmente porque acreditavam ser tribos de antropófagos, semelhantes as que tiveram contato na África, em outras navegações.

⁴ CASTRO, Silvío. **A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 106.

⁵ AZEVEDO, Ana Maria de. As raízes do Brasil. Desta vossa ilha de Vera Cruz... é já outro Portugal!. *In* Atas do Simpósio "Brasil: 500 anos depois". A Corunha: Deputación Provincial da Coruña, 2002. p. 240.

⁶ *Idem*.

índios⁷. Tendo se esgotado a exploração de colônias portuguesas asiáticas e africanas, e visando a conservar as riquezas lusas já ameaçadas pela Inglaterra, o cenário harmônico se converteu em um território de guerras, como era comum nesse tipo de prática, que, inegavelmente, perdurou e permeou toda a história brasileira e, conseqüentemente, deu início ao processo de formação da brasilidade, justamente como cita Castro (1985, p. 108): "(...) Será com o começo do processo político de desfrute da terra e sufocação dos elementos humanos não-brancos que começará a demarcação diferencial entre as culturas portuguesa e brasileira".

Tal noção de brasilidade foi sustentada e mantida através de um preconceituoso "discurso da descoberta"⁸ (descoberta no sentido de conquista e apropriação), assim chamado por Orlandi (1990)⁹. Esse discurso da descoberta, encontrado nas mais variadas formas de expressão e nos mais variados meios de comunicação, é um discurso essencialmente formado por ideologias (termo usado no sentido de falsa consciência) que exibem e amparam noções deturpadas e estereotipadas. Essas ideologias, como parte integrante desse real disforme, têm materialidade e é através do discurso que elas se representam e se deixam transparecer e ser analisadas.

A atividade jornalística mantém duas dimensões paralelas de atuação. Num primeiro nível realiza a sua função referencial ou informativa, mas, simultaneamente gera uma série de sistemas de valores (associados à posição do jornal como sujeito da enunciação) que configuram a narrativa produzida¹⁰. Se no primeiro nível é preciso saber o "que é que se fala", no segundo o crucial é saber o "como" e o "porquê". Na conjunção deste dois níveis radica a capacidade dual do jornal para re-presentar o real (construindo uma espécie de "história" do presente) e para realizar as expectativas quotidianas do espectador, do leitor ávido de informação. O poder do

⁷ O cronista alemão Hans Staden, em sua obra "Duas viagens ao Brasil" comenta a respeito de alguns atritos entre índios e portugueses e cita que a grande maioria era provocada pelos lusos. Além disso, sabe-se que, embora mantivessem um contato amigável com os índios, muitos atritos ocorreram devido à catequização indígena forçada, proposta pelo clero português.

⁸ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

⁹ A respeito disso, Orlandi (Op. cit) cita: "Discurso das descobertas, discurso das conquistas ou discurso da dominação. Procuramos nos conhecer conhecendo como a Europa conhece o Brasil. E no discurso das descobertas não encontramos senão modos de tomar posse. (...) Europeu falando de índio produz brasilidade. Nós falando do que os europeus dizem de suas descobertas, falamos o discurso da nossa origem. Fazemos falar os outros. O brasileiro se cria pelo fato de fazer falarem os outros". (Idem, *Ibidem*, p. 19-20)

discurso do jornal reside na capacidade que este tenha de construir uma ilusão da realidade¹¹.

Desta forma, a fim de desvelar e de compreender a imagem do Brasil e do brasileiro formada pelo colonizador, desenvolveu-se uma pesquisa cujo objeto foi a comunicação social portuguesa, essencialmente a imprensa de grande circulação. No entanto, a presente comunicação constitui apenas um direcionamento de um estudo mais amplo, pretendendo-se apenas uma breve aproximação à questão do objeto e sujeito das comemorações.

2 Método de pesquisa e unidades de estudo

2.1. O tema e a pergunta inicial

O texto jornalístico, em sua pluralidade e disseminação fácil e rápida, constitui-se, indubitavelmente, um meio (in)formador de opiniões. Sendo a comemoração dos 500 anos do Brasil um evento importante para a mídia deste ano, a muitas conclusões se poderia chegar ao se estudar esse tema, já que imagem da brasilidade (essencialmente nos dias atuais em que os brasileiros presentes do exterior fazem parte de uma classe menos favorecida, que busca no estrangeiro formas às vezes ilegais de reconstituir-se financeiramente) tem passado por uma (des)construção, que pode muito bem ser fruto de um discurso veiculado.

Desta forma, para se levar a cabo esta pesquisa, questionou-se de que modo os brasileiros e o Brasil, e neste caso, a comemoração dos 500 do "achamento" são retratados através do discurso informativo difundido amplamente por terras lusitanas.

2.2 Análise de Conteúdo: quadro de referência teórico

Após a delimitação do tema, houve que escolher os procedimentos a utilizar para o tratamento da informação recolhida. Neste sentido a análise de conteúdo pareceu ser o método idóneo, sendo como um conjunto de instrumentos metodológicos ampliados a discursos extremamente diversificados cujo fator comum é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução, isto é, a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor e da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Desta forma, a análise de conteúdo nada mais é do que uma análise de

¹⁰ REBELO, José; *O discurso do jornal. O como e o porquê*. Ed. Notícias, Lisboa, 2000. p. 41.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.109

mensagens por uma dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura "normal". No mesmo sentido, A. L. George, em «Quantitative and qualitative aproches to content analysis»¹², diz que "a análise de conteúdo é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de modo a que se possam levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais" sobre um dado aspecto da orientação do discurso, neste caso, dos textos jornalísticos. Assim, a inferência é o objetivo último da análise de conteúdo, sendo a dedução de maneira lógica e através de procedimentos e recorrendo-se aos indicadores, que permitem passar-se da mera descrição para a interpretação.

No plano metodológico poder-se-ia enveredar pela análise quantitativa ou pela análise qualitativa. Na primeira o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa ou temática, o que serve de informação é a presença ou a ausência, de uma dada característica ou um conjunto de características de conteúdo. A quantificação é sem dúvida uma estratégia cheia de virtualidades, diz Jorge Vala (1999), mas não há justificação para não reconhecer os sucessos das investigações de orientação qualitativa. "O rigor não é exclusivo da quantificação, nem tão pouco a quantificação garante por si a validade e fidedignidade que se procura"¹³.

Apesar de que em algumas ocasiões o método quantitativo pareceu apropriado para formular algumas das conclusões, nomeadamente no faz referência à dialética "achamento-descobrimto", enveredamos pela análise qualitativa uma vez que esta se adapta melhor ao tipo de informação a recolher. Isto porque se reveste de características particulares, com especial validade para a elaboração de deduções específicas. Insiste-se, de todos modos, que a análise qualitativa não implica a eliminação de qualquer forma de quantificação, somente os índices são retirados de modo não frequencial, pelo que se terá em consideração a frequência de algum tipo de léxico

2.3 Método de recolha do material utilizado

Para reunir as unidades de estudo (os textos noticiosos que abordaram direta ou indiretamente as comemorações dos 500 anos do "achamento") pesquisou-se numa amostra que compreendia todos os exemplares de três grandes diários de grande circulação portugueses (Público¹⁴, Diário de Notícias¹⁵ e Jornal de Notícias¹⁶) correspondentes aos meses

¹² POOL, Ithiel de S. *Trends in Content Analysis*. University of Illinois Press: Urbana, 1959.

¹³ VALA, Jorge. *A análise de conteúdo*, in: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento, 1999, p. 103.

¹⁴ Jornal nascido a princípios dos anos 90, com sede em Lisboa.

¹⁵ Jornal centenário, com sede em Lisboa.

de Janeiro a Junho de 2000, um total de 543 exemplares. Para a escolha das publicações tentou-se se aproximar o mais possível ao modelo denominado como de "referência" ou de "qualidade", supondo que o tratamento das comemorações nestes jornais seriam mais "sérias" e representativas do discurso predominante.

A seleção das unidades de estudo levou-se a cabo através do visionamento e pré-leitura integral da amostra referida, excluindo suplementos regulares e especiais assim como secções como "cartas ao diretor" e similares. O resultado foi a obtenção de mais de 500 unidades que se analisaram uma a uma extraíndo as inferências sobre as que se fundamenta a pesquisa.

3 Resultados

3.1 O quê se comemora?

As grandes comemorações, cada dia mais e mais freqüentes no âmbito dos meios de comunicação, fazem parte de uma técnica através da qual o passado passa a ser re-atualizado e re-presentificado. Estes eventos (ou pseudo-eventos) seguem, segundo Marialva Barbosa, uma lógica mercadológica de forma que o passado é revitalizado em grandes acontecimentos rentáveis, "grandes datas, lugares de uma memória que não mais existe, são produtos de venda em um mercado ávido por lucratividade em escala planetária¹⁷".

Voltando ao que se falava anteriormente, deve-se sublinhar que os meios de comunicação não descrevem a realidade, senão que a constroem. O acontecimento vai além duma ocorrência espaço-temporal, não comportando significação determinada e não fixando a descrição que poderia fazer da cena pública. Segundo isto, os acontecimentos seriam fruto de estratégias de um grupo de atores sociais, interessados na sua formação. A forma como é apresentado e o processo de construção fazem parte do próprio acontecimento, mas não se pode reduzir a construção simbólica a simples dispositivos mediáticos, pois a metáfora da fabricação deve ser confrontada a outras interrogações, suplantando os pressupostos ontológicos e epistemológicos contidos na noção¹⁸.

No caso das comemorações que neste artigo se analisam, a retórica jornalística, presentificando o passado, estabeleceu em relação ao acontecimento, difundido como informação e espetáculo, uma materialização da memória através da montagem de uma

¹⁶ Jornal centenário tradicional do Norte, com sede no Porto. Possui, igualmente, uma delegação bastante importante em Lisboa.

¹⁷ BARBOSA, Marialva, "Tempo, acontecimento e celebração: a construção dos quinhentos anos de Brasil nos gestos comemorativos da TV Globo", in *Comunicação e Sociedade*, nº 33 (1º semestre de 2000), Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, p. 72.

¹⁸ Idem, p. 76.

verdadeira indústria de comemoração. Não é apenas o presente, mas também o passado, o que é re-atualizado sem cessar produzindo novos acontecimentos em torno a um marco fundador, um acontecimento primordial fabricado ao longo de quinhentos anos e que nem guarda tanta relação com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao país.

Nos meios de comunicação estabeleceu-se um *continuum* entre o passado (descobrimiento do Brasil) e o presente (500 anos depois), cuja função primeira, diz Marialva Barbosa, seria a presentificação do passado. Os promotores dos numerosos shows, desfiles, jogos, missas e demais eventos que conformaram o "grande espetáculo", reafirmam-se, simbolicamente, como herdeiros e continuadores da descoberta. E como não podia ser de outro jeito, a redescoberta converteu-se num ato jornalístico cuja significação emana do discurso mediático.

Nos meios de comunicação analisados não há unanimidade na hora de estabelecer o objeto das comemorações. Na amostra analisada evidencia-se a utilização de uma série de termos, cada um com sua carga semântica determinada, que deixam entrever conceições distintas do valor simbólico do descobrimiento. As formas que se analisam a continuação possuem matizes e conotações que fizeram que os encarregados da construção dos textos informativos as utilizassem majoritariamente em prejuízo de outras.

Tabela 1. O objeto das comemorações

Denominações	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	TOTAL
Descoberta	11	19	37	23	7	1	105
Descobrimiento	6	4	11	38	9	0	73
Achamento	0	6	7	14	7	0	63
500 anos	2	7	11	31	11	0	62
Chegada	8	10	10	25	6	1	60
"Achamento"	3	1	8	10	6	1	29
Viagem	1	1	8	3	4	1	18
"Descoberta"	0	2	1	1	2	1	7
"Descobrimiento"	0	0	3	0	2	0	5
Avistamento	0	1	2	1	0	0	4
Fundação	0	2	1	1	0	0	4
Ancoragem	0	0	0	2	0	0	2
Desembarque	0	1	0	1	0	0	2
Encontro	0	0	0	0	2	0	2
Feito	0	2	0	0	0	0	2
Invenção	0	0	0	2	0	0	2

.: **Os 500 anos:** parece o modo mais fácil de chegar ao “politicamente correto”, pois omite qualquer acréscimo que poderia ser problemático. Pressupõe-se (ou quiere-se pressupor) que o leitor sabe do que se esta falando, eliminado-se, por tanto, expressões que poderiam ser interpretadas (como se verá mais adiante) como “negativas”, “politicamente incorreta” ou “prejudiciais” para a credibilidade de um discurso que se pretende objetivo, ou quanto menos, neutral.

É a segunda forma mais utilizada pelo *Público*, com 30 ocorrências, depois de /descoberta - “descoberta”/, com 49. O *Diário de Notícias* fica por atrás nesta opção, com 21 ocorrências (e o quarto lugar), sendo a mais utilizada /descobrimento - “descobrimento”/, com 31 ocorrências. O *Jornal de Notícias* é o que menos utiliza esta fórmula com apenas 11 ocorrências, preferindo descoberta - “descoberta”/, com 32, /descobrimento - “descobrimento”/, com 29, /achamento - “achamento”/, com 22, e /chegada/ com 18. Ainda assim, na quantificação final fica em quarta posição, devido à utilização feita pelo *Público*.

.: **Achamento - “Achamento”:** O termo “achamento”, retirado da *Carta* de Pero Vaz de Caminha, na verdade, trata-se de uma possível reprodução do célebre documento, ou uma forma de amenizar a força negativa que o vocábulo “descobrimento” trouxe consigo durante muito tempo. Trata-se de uma forma muito reivindicada e que, igual que a expressão /500 anos/, sem dúvida mais inconcreta, pretende localizar-se no espaço do “politicamente correto”.

É de novo o *Público*, na procura desse posicionamento, quem mais a utiliza, com 24 ocorrências, devendo assinalar-se que em 10 delas se utilizam aspas. O *Jornal de Notícias* também usa bastante esta forma, sendo a terceira mais utilizada, com 22 ocorrências. É curioso que mais da metade (12) utilizam aspas. Pela sua banda, o *Diário de Notícias* não utiliza muito esta forma, descartando-a ao quinto lugar, com 17 ocorrências (sete dela com aspas). Na quantificação final fica é a terceira forma mais utilizada, com 63 ocorrências, 29 delas com aspas, que podem ser consideradas, de acordo com Mainguenaou (2000) ou como a marca que define uma frase/palavra retirada de um texto, ou como um instrumento para amenizar o significado real desta.

.: **Descoberta - “Descoberta” ou Descobrimento - “Descobrimento”:** O termo “descobrimento” há muito tempo suscita discussões quanto ao seu uso, pelo fato de “descobrir” significar desvendar, destapar, o que, *a priori*, com Pedro Álvares Cabral não foi feito, mesmo porque, o dito Brasil já era descoberto pelos ameríndios.

Enquanto o *Jornal de Notícias* e o *Diário de Notícias* fazem um uso, em certa medida, aleatório destas duas (4) formas com 32 e 29 ocorrências respectivamente no *Jornal de*

Notícias (utilizando-se das aspas em só 5 ocasiões), e 24 e 31 no *Diário de Notícias* (com aspas em 4), o *Público* inclina-se claramente pelo termo /descoberta/ (com 49 ocorrências, 3 com aspas) enquanto /descobrimento/ utiliza-se só em 13. Na quantificação final prima o termo /descoberta/ com 105 ocorrências, devido em parte à preferência do *Público*, ficando /descobrimento/ por detrás com apenas 73.

∴ **Outras formas:** de entre as demais formas utilizadas deve-se destacar /chegada/, que também não tem grande carga ideológica, fazendo dela um termo bastante "politicamente correto". Na quantificação final está em 5º lugar, com 60 ocorrências, mas a bem pouca distância de outras formas (/500 anos/, com 62, e /achamento/, com 63). Quem mais a utiliza é o *Diário de Notícias*, com 24 ocorrências (fazendo dela a sua forma "politicamente correta" predileta) e ficando em empate com /descoberta/. O *Público* e o *Jornal de Notícias*, que preferem outras formas, só têm 18 ocorrências cada um.

A seguinte forma, mas a grande distância desta, é /viagem/, relativamente livre de polémicas, e que na quantificação final têm 18 ocorrências (9 no *Público* e 4 e 5 no *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias* respectivamente). Mais marginais, e que não sobrepassam as 4 ocorrências na quantificação final som formas como /avistamento/, /feito/ ou /feito de Cabral/, /encontro/, /desembarque/, /ancoragem/, que de alguma forma pretendem omitir a controvérsia ou conciliar posições, ou /fundação/ e /invenção/, um bocado mais polémicas.

Vista a questão do objeto das comemorações, outro tema no que existe uma variedade de possibilidades, ainda que neste a opção majoritária é bastante clara, é o objeto do objeto das comemorações. Isto é, o que é que se tem "descoberto", "achado", "fundado", "inventado", etc. Existem casos onde o discurso é do mais diplomático, sirva como exemplo o seguinte: "a descoberta de um trecho da costa do atual Brasil pela armada de Pedro Álvares Cabral" (*Público*, 09/03/2000). Outros, contudo, nem tanto.

Como se pode ver no gráfico, a opção majoritária é /Brasil/ com 205 ocorrências, o que significa que o traço mais comum é utilizar a forma pela qual o país é hoje chamado e conhecido. À bastante distância, mas sobressaído do resto das formas (que como muito chegam à meia dúzia de ocorrências), estão a(s) /Terra(s) de Vera Cruz/, que não se sabe se era uma só ou várias, com 31 ocorrências.

O uso do termo manuelino "Terras de Vera Cruz", além de remeter ao passado histórico de "descoberta", torna-se (o que se parece mais freqüentemente) uma variação "sinonímica" de Brasil, já que freqüentemente aparece para não se repetir o nome do país por tantas vezes no mesmo texto.

Tabela 2. O objeto da "descoberta"

Conjunto	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	TOTAL
Brasil	19	35	48	75	24	4	205
Terra(s) de Vera Cruz	3	6	8	11	3	0	31
Porto Seguro	0	2	1	2	1	0	6
Costa(s) do Brasil	0	0	1	2	1	0	4
nova(s) terra(s)	0	1	0	0	1	0	2
outro lado do Atlântico	1	0	0	1	0	0	2
terra(s) brasileiras(s)	1	0	0	1	0	0	2
Baía	0	0	0	1	0	0	1
terras brasileiras de Vera Cruz	0	0	0	0	1	0	1
continente perdido	0	0	1	0	0	0	1
terra que viria a chamar-se Brasil	0	0	0	1	0	0	1
Foz do rio Cahy	1	0	0	0	0	0	1
<i>Terra Brasilis</i>	1	0	0	0	0	0	1
Terra de Santa Cruz	0	0	1	0	0	0	1
um trecho da atual costa do Brasil	0	0	1	0	0	0	1
uma terra fértil e coberta de densa vegetação verde	0	0	0	0	1	0	1

3.2 Outras observações e conclusões

Embora o uso de tais termos, já discutidos, possam refletir certa significação e/ou intenção por parte dos textos jornalísticos, o mais importante de se compreender quando se busca desvelar este textos, é o conjunto em si.

A grande polémica em volta da questão dos índios, ocorrida no próprio dia 22 de abril de 2000, por exemplo, foi manchete em todos os jornais do dia seguinte, e traziam em seu conteúdo um discurso que relatava a revolta, as contradições e os contrastes do "país-irmão" neste momento de comemoração.

Os textos anteriores ao 22 de abril, apesar de ainda não trazerem a carga negativa de "país injusto com os indígenas", relatam as belezas do paraíso tropical e a cultura, geralmente identificada como de samba, telenovelas, mulheres bonitas e futebol.

O discurso, se certa forma agressivo, que algumas reportagem trouxeram, isso sem considerar os artigos de opinião, que em sua grande maioria criticavam os brasileiros e as comemorações, construíram-se sob a égide de uma "desconstrução" do Brasil, publicaram uma imagem do brasileiro como o que somente critica uma colonização de exploração, culpando-a pelas mazelas deste país, com o que os portugueses, cujo discurso se apresentava nos textos analisados, raramente concordavam, alegando que o país era independente há quase 200 anos. A impressão deixada é a de que Portugal construiu o Brasil, mas que quem o desconstrói são os brasileiros. Simplesmente pelo fato de sê-lo.

4. Bibliografia

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *A dupla vilalania*. Projecto Vercial. Disponível em: <<http://www.ipn.pt/litearatura/onesimo1.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2003.

AZEVEDO, Ana Maria de. *As raízes do Brasil. Desta vossa ilha de Vera Cruz... é já outro Portugal!*. In: Atas do Simpósio "Brasil: 500 anos depois". A Corunha: Deputación Provincial da Coruña, 2002.

BARBOSA, Marialva, *Tempo, acontecimento e celebração: a construção dos quinhentos anos de Brasil nos gestos comemorativos da TV Globo*. In: Comunicação e Sociedade, nº 33 (1º semestre de 2000), São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

FREITAS, Antônio. *Análise do discurso jornalístico*. LABCOM - Laboratório de comunicação e conteúdos on-line, maio 1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.html>>.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

POOL, Ithiel de S. *Trends in Content Analysis*. University of Illinois Press: Urbana, 1959.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

REBELO, José; *O discurso do jornal. O como e o porquê*. Lisboa: Ed. Notícias, 2000.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

VALA, Jorge; *A análise de conteúdo*. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Afrontamento, 1999.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.